

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-934-9
 DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i>	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling	
DOI 10.22533/at.ed.3492020011	
CAPÍTULO 2	9
AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.3492020012	
CAPÍTULO 3	14
AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 4	26
CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE	
Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 5	39
CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA	
Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

CAPÍTULO 11	91
CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO	
Natália Cardoso dos Santos	
Nardel Luiz Soares da Silva	
Jessyca Vechiato Galassi	
Lucas Casarotto	
Leonardo Backes Mosconi	
Nathália Cotorelli	
Aline Rafaela Hasper	
Daliana Hisako Uemura-Lima	
Paula Caroline Bejola	
Maria Antonia Urnau	
Daniela da Rocha Herrmann	
Lucas Natan Scheuermann	
DOI 10.22533/at.ed.34920200111	
CAPÍTULO 12	97
DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL	
Marilene Santana dos Santos Garcia	
Jaqueline Becker	
Willian Rufato da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.34920200112	
CAPÍTULO 13	104
DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Everton Nery Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 14	115
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS	
Nelson Batista Leitão Neto	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 15	128
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
Amilton Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	
CAPÍTULO 16	140
EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS	
Kenia dos Santos Francelino	
Katscilaine dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200116	
CAPÍTULO 17	146
EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Kenia dos Santos Francelino	
DOI 10.22533/at.ed.34920200117	

CAPÍTULO 18	152
EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE	
Xenusa Pereira Nunes	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Francisco Assis Filho	
Xirley Pereira Nunes	
Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200118	
CAPÍTULO 19	160
EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR	
Marivalda Evangelista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.34920200119	
CAPÍTULO 20	172
ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA	
Susete Wambier Christo	
Augusto Luiz Ferreira Júnior	
Ana Flávia Monteiro	
Marilise Silva Meister	
Denilton Vidolin	
DOI 10.22533/at.ed.34920200120	
CAPÍTULO 21	179
ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO FORRAGEAMENTO DE <i>MELIPONA EBURNEA</i> EM RIO BRANCO, ACRE	
Carmem Cesarina Braga de Oliveira	
Francisco Cildomar da Silva Correia	
Rui Carlos Peruquetti	
DOI 10.22533/at.ed.34920200121	
CAPÍTULO 22	184
ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE	
Thalia Costa Medeiros	
Najra Danny Pereira Lima	
Mayanny da Silva Lima	
Thais Costa Medeiros	
Maria Helena Rodrigues Bezerra	
Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha	
Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva	
Ava Fabian dos Anjos Lima	
Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser	
Alice Figueiredo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200122	

CAPÍTULO 23 197

EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES

Andreia Belter
Fernando Feiten Pinto
Ivana Letícia Damião
Júlia Gabriela Petrazzini da Silva
Elizangela Weber
Julhane Alice Thomas Schulz
Mariele Josiane Fuchs

DOI 10.22533/at.ed.34920200123

CAPÍTULO 24 206

FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA

José Luís Félix D

OI 10.22533/at.ed.34920200124

CAPÍTULO 25 216

FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS

Jenijunio dos Santos
José Guilherme Aguiar Assis
Rafael de Carvalho da Costa

DOI 10.22533/at.ed.34920200125

CAPÍTULO 26 223

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELACAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Sabrina Stein
Charles Moreto

DOI 10.22533/at.ed.34920200126

CAPÍTULO 27 230

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento
Ana Leide Rodrigues de Sena Góis
Jocyléa Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200127

CAPÍTULO 28 240

FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT

Ana Karla Pereira Viegas
Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão
Daniely Takekawa Fernandes
Daiany Takekawa Fernandes
Josimeire Teixeira Carrara
Juliana Carol Braga Aponte
Karla Silva da Paixão
Rosane Andrade Vasconcelos

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

**FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO -
TOCANTINS**

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

**GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR**

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

**GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES**

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Data de aceite: 03/01/2020

Ana Paula Lima Aprato

Este trabalho vincula-se a uma pesquisa de doutorado em andamento, na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, e apresenta uma discussão acerca da forma escolar – um dos conceitos centrais da tese em desenvolvimento –, que toma por base escritos, vídeos e aulas de Jorge Larrosa, Jan Masschelein e Maarten Simons. Um convite para pensarmos não tanto no que acontece na escola, mas sobre o que é o escolar. O abundante debate em torno da escola, a partir da fala de especialistas, poder público, gestores, alunos, pais de alunos, imprensa, fóruns, simpósios, seminários, congressos nacionais e internacionais a mantém sob os holofotes, seja para afirmar sua conveniência, seja para atestar sua obsolescência. Ainda assim, nas sociedades contemporâneas em que vivemos, parece ser cada vez mais difícil compreender a escola.

Pude perceber, na condição de estudante

1 Graduei-me em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, no ano de 2002. Antes disso, em 1999, iniciei meu primeiro estágio em fotografia. Após essa experiência, até o ano de 2012, trabalhei como fotojornalista em jornais e assessorias da imprensa gaúcha e brasileira. Em 2015, ingressei no Mestrado em Educação, com ênfase nos Estudos Culturais. Atualmente, como doutoranda, sigo dedicada à pesquisas em Educação.

e pesquisadora, em diálogos com colegas, estudantes e pesquisadores do campo da educação, um certo estranhamento com a temática de meu estudo: a escola na sua forma, na sua concretude, na sua materialidade. Recordo brevemente uma passagem que me estimulou a investir nessa direção de estudo: em agosto de 2018 participei de um Seminário Especial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado *Metodologias de pesquisa com crianças*, ministrado pela Prof.^a Dr.^a Rita Marisa Ribes Pereira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A turma era constituída por aproximadamente 30 alunos, ligados à Educação, sendo a maioria professor e estudante de pós-graduação. No quinto e último dia do curso, foi proposta uma roda de conversas com o desígnio de que cada estudante falasse sobre o tema de sua pesquisa, o que averiguava ou pretendia investigar. Lembro da curiosidade de meus pares ao me escutarem dizer que gostaria de estudar a forma e não a função social da escola. Já que para mim, uma fotojornalista¹, com a intenção de alargar os saberes da

Educação, o olhar paciente, demorado e minucioso para cenas e gestos do cotidiano escolar é um ensejo para pensá-la com “outras lentes”. Para tornar mais precisa a minha argumentação, exemplifiquei algumas materialidades que marcam essa condição: portão, corredor, sala de aula, quadro-negro, carteira escolar, caderno, mochila, pátio, biblioteca, laboratório, muro; bem como currículo, exercício, matéria. Ocorreu um interesse entre meus colegas e foi aberta uma discussão sobre como poderia ser, afinal, encarada a escola a partir de sua forma e não de sua função.

Desde então, me debrucei sobre obras, vídeos, filmes, palestras, seminários que giram ao redor do mote conceitual da forma escolar. Pude observar que ao pensarmos a escola na sua função, os pontos de atenção variam de sujeito para sujeito. Para cada um de nós, estudante, pai de aluno, profissional de diferentes áreas, a escola é uma; em seus contextos políticos, sociais, econômicos, culturais, étnicos. Já a escola ao ser estudada na forma pedagógica, viabiliza um arranjo específico em torno do qual estão pessoas, objetos, maneiras de proceder que habilitam para a aprendizagem escolar.

O presente texto também explora alguns elementos que não conformariam a forma da escola, posto que estejam mais diretamente vinculados à função social dessa instituição. Não se trata de uma discussão sobre bases sociológicas, políticas e filosóficas da prática escolar, tampouco de um escrito sobre teorias de ensino/aprendizagem. Não se propõe, igualmente, examinar desconexões entre o sistema educativo e o mundo do trabalho, uma alentada discussão na qual a escola aparece ora como salvação, ora como perdição. O objetivo é, pois, explorar um espaço argumentativo, teórico e metodológico atento a uma forma, historicamente constituída, marcada por contingências, que se realiza tanto na materialidade dos espaços, do mobiliário e das práticas desenvolvidas, quanto no acontecimento e no processo de encontro entre sujeitos escolarizados.

Proponho, com a metodologia que envolve leituras das obras de Masschelein e Simons (2017), Larrosa (2017), Larrosa e Rechia (2018) e Pennac (2008), indagar como os autores operam com o conceito – a forma escolar – e quais elementos são considerados constituidores da escola, sob a mirada de sua forma e não de sua função.

Masschelein e Simons: questões para marcar a ideia de forma escolar

A compreensão de escola, estudada por Jan Masschelein e Maarten Simons (2013) na obra *Em defesa da Escola: uma questão pública*, pensa a escola a partir de um exercício de pensamento² nada convencional no universo escolar:

² O exercício de pensamento como movimento contínuo, sendo a filosofia, nessa perspectiva, a atividade de criar conceitos abertos, que estabelecem conexões e ensinam novos problemas. Refere-se a noção de pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *O que é filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. Ver Sílvia Gallo. *Educação e Filosofia*. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica. Uberlândia, v.22, n.

a escola como *skholé*³, ao trazer dois elementos fundamentais da escola grega: “tempo livre” e “espaço público”. Os autores percebem que o princípio da escola, desde as cidades-estados gregas, era fornecer tempo livre para o estudo, inclusive a quem não havia anteriormente adquirido o direito de estudar. Sendo assim, um local para prover “tempo livre” e transformar o conhecimento em “bem comum” para todos, independentemente de antecedentes, origem, etnia ou talento. Instala-se a igualdade, suspendendo-se privilégios das elites de uma ordem vigente na Grécia antiga⁴. Por conta de ares mais democráticos, diversos privilegiados lidaram contra a escola com ira, repulsa, rivalidade.

Para a elite, ou para aqueles que estavam satisfeitos em permitir que a organização desigual da sociedade continuasse sob os auspícios da ordem natural das coisas, essa democratização do tempo livre era uma pedra no sapato. Assim, não só as raízes da escola repousam na antiguidade grega, mas também o mesmo acontece com uma espécie de ódio dirigido à escola. Ou, pelo menos, o impulso contínuo para domar a escola, ou seja, restringir o seu caráter potencialmente inovador e até mesmo revolucionário. Dito de outro modo: mesmo hoje, parece haver tentativas de paralisar a escola como “tempo livre” entre a unidade familiar, de um lado, e a sociedade e o governo, de outro. Por exemplo, muitos dizem que a escola como uma instituição, deveria ser uma extensão da família, ou seja, deveria fornecer um segundo “ambiente de educação”, suplementar ao provido pela família. Outra variante da domesticação da escola reza que ela deve ser funcional para a sociedade, ser meritocrática em seus processos de seleção e, assim, reforçar o mercado de trabalho e proporcionar bons cidadãos. (MASSSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.27).

Ao entender a escola como uma invenção histórica, capaz de desaparecer, os autores também vislumbram sua factível reinvenção. E é esse, portanto, o desafio que pretendem encontrar: “formas concretas no mundo de hoje para fornecer ‘tempo livre’ e para reunir os jovens em torno de uma ‘coisa’ comum, isto é, algo que aparece no mundo que seja disponibilizado para uma nova geração.” (p.11).

As ideias de Masschelein e Simons estão calcadas em tornar a escola uma questão pública e, para tanto, investigam o escolar. Sendo que o objetivo “não é o de salvaguardar uma velha instituição, mas de articular um marco para a escola do futuro.” (p.29). Uma tentativa de tornar visível o que faz, na percepção dos autores, com que “uma escola seja uma escola” e também seja diferente de outros ambientes de aprendizagem. A seguir, sintetizo oito elementos que, segundo Masschelein e Simons, constituem o escolar e dão ênfase ao seu funcionamento.

44, p. 55-78, jul./dez. 2008.

3 Do grego *skholé*, em que tempo livre e espaço público também querem dizer discussão, conferência, escolar, folga, tempo ocioso. Disponível no site: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/predio/>>.

4 Mesmo que a escola grega tenha tornado inoperantes alguns marcadores como origem e etnia, as tentativas de restaurar hierarquias e classificações se mantiveram. Porém, o principal para os autores Masschelein e Simons, é destacar que a escola fornecia “tempo livre”, tempo não produtivo, àqueles por conta de sua posição na sociedade, aos sujeitos que não tinham legitimidade em reivindicá-lo.

1) *Suspensão*

Que suspende, que destaca, que coloca algo entre parênteses. A escola promove o tempo capaz de deixar para traz parte das necessidades do dia-a-dia. “Uma vez que o conhecimento e as habilidades são trazidos para dentro do currículo escolar, passam a ser matérias e, de certo modo, tornam-se separados da aplicação diária. (p.32). A escola como uma instituição que combina tempo, espaço e matéria, portanto, cria um tempo livre e suspenso da sociedade. Democratiza o tempo livre e ao tornar o conhecimento como matéria de estudo, suspende uma certa utilidade desse conhecimento. Separa o conhecimento do seu uso convencional e da apropriação por grupos sociais, transformando-o em matéria de estudo. É uma espécie de suspensão, que evidencia a separação de tempos e espaços e faz com que crianças e jovens possam ser estudantes, adultos professores e os conhecimentos e habilidades matérias da escola. No decorrer dos escritos dos autores, destaco duas passagens que são pertinentes para dar mais precisão ao sentido de suspensão do tempo. Uma delas diz respeito ao primeiro dia de aula, quando os pais, relutantes em emancipar seus filhos por um certo período, e deixa-os na escola, cuidam para ver se tudo está correndo bem. É provável que os pais desejem evitar “traumas” nas crianças, fiquem aflitos com essa experiência. Porém, ao sair do abrigo familiar e entrar em um “outro mundo”, a escola dá às pessoas a chance de se desprender de um tipo de relação social e ingressar em outro, constituindo-se, nesse espaço, um estudante como os demais.

Outra possibilidade, para pensar a suspensão do tempo, é perceber no espaço escolar um intervalo do tempo passado e futuro, que abdica de conveniências, promessas, obrigações do cotidiano externo à escola. Nessa concepção, o ambiente escolar é aberto, não fixo, diferente de um local de transição. A escola seria um meio, sem determinar o trajeto de chegada.

Pense em um nadador tentando cruzar um grande rio (Serres, 1997). Pode parecer que ele estivesse simplesmente nadando de uma margem para a outra (isto é, da terra da ignorância para a terra do conhecimento). Mas isso quereria dizer que o próprio rio não significa nada, que ele seria uma espécie de meio sem dimensão, um espaço vazio, como voar através do ar. Eventualmente, o nadador, é claro, chegará à margem oposta, porém, o mais importante é o espaço entre as margens – o centro, um lugar que compreende todas as direções. Esse tipo de “meio termo” não tem orientação nem destino, mas torna todas as orientações e direções possíveis. Talvez a escola seja outra palavra para esse meio termo onde os professores atraem os jovens para o presente. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.37).

2) *Profanação*

O elemento que torna algo afastado do seu uso habitual, desligado do “sagrado”, e por isso é disponibilizado para estudo. Quando há um arrebatamento pela matéria, quando algo é tornado público, quando fecha-se a porta da sala de aula e estudantes

são “capturados e levados para um outro mundo”. Como exemplo, pode-se pensar em uma prova de matemática que, ao ser escrita em um quadro-negro os estudantes passam a vê-la, e também o livro-texto, aberto em uma carteira escolar, auxilia “com que seja possível que as coisas tomem posse de si mesmas, desligadas e libertadas de seu uso habitual, e portanto, publicamente disponíveis.”(MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.40).

Os autores destacam o romance de Daniel Pennac (2008), *Diário de escola*, quando Pennac descreve desventuras e aventuras de sua vida de estudante e professor, e se atém à questão de que na escola é “colocado algo sobre a mesa”.

É importante destacar, como Pennac também indica continuamente, que a construção do tempo escolar (tempo livre) é acompanhada pelo fato de que, na escola, sempre há *alguma coisa* sobre a mesa. Como diz Pennac, a escola não consiste em atender às necessidades individuais; isso acontece fora da matéria escolar. Pelo contrário, consiste em acompanhar durante a aula, lidar com *alguma coisa*, estar presente para *alguma coisa*. Devemos nos limitar, diz Pennac, à matéria e às regras do jogo impostas sobre nós por praticar a própria matéria. Desse modo, algo da sociedade é *posto em jogo* ou *executado em jogo*. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.41).

3) Atenção

A suspensão e a profanação permitem um terceiro elemento da forma escolar, que seria o de promover atenção, criar o interesse e “abrir o mundo”. A atenção nesse contexto, não se trata de um elemento de interesse próprio ou talento individual, como escolha e motivação pessoal. Diferentemente de encarar o mundo como um lugar de rendimento, competência, aplicabilidade, o que a escola faz é outra coisa. É algo que está fora de nós, que nos leva a estudar, para qual nossa atenção é canalizada, neste caso: o mundo.

Trata-se do momento mágico quando alguma coisa fora de nós mesmos nos faz pensar, nos convida a pensar ou nos faz coçar a cabeça. Nesse momento mágico, algo de repente deixa de ser uma ferramenta ou um recurso e se torna uma coisa real, uma coisa que nos faz pensar mas também nos faz estudar. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.51).

Entre exemplos citados pelos autores, um episódio em especial relata o “tal momento mágico” com propriedade. Refere-se a uma aula sobre animais, em que uma menina percebe um verdadeiro zoológico em sala de aula, apenas por meio de bonitas estampas e a bela voz da professora. A estudante foi atraída para dentro do reino animal, como se tudo ali, naquele tempo e lugar, se tornasse real. Um mundo diferente que antes ela não havia prestado atenção. Mesmo conhecendo gato, cachorro, aves, o que parecia evidente tornou-se encantador. Naquele dia, algo havia mudado e a própria menina também.

4) *Tecnologia*

A tecnologia é considerada tanto em relação aos artefatos da escola (carteira escolar, cadeira, quadro-negro, giz, livro, caderno, lápis, caneta) quanto no tocante aos métodos de ensino (provas, ditados, apresentações orais, exercícios). A arquitetura da escola, o arranjo espacial, assim como os métodos, são ferramentas que auxiliam a dar forma à escola. São tecnologias escolares que incentivam o fascínio por criar e apresentar o mundo.

A proposição fundamental dos autores não é considerar tecnologias como instrumentos formadores em série. Tampouco como técnicas de manejo a serviço de uma geração e de suas ideias. As tecnologias são apresentadas no sentido de focar a atenção, gerar interesse, possibilitar a formação, que de certa forma torna possível o tempo livre. “As tecnologias da educação escolar, são técnicas que, por um lado, engajam os jovens e, por outro, apresentam o mundo; isto é, focam a atenção em alguma coisa.” (p.65).

Masschelein e Simons trazem, uma vez mais, Daniel Pennac para auxiliar na compreensão da tecnologia. Pennac, ao descrever sua experiência com um ditado, aborda dois aspectos: Um, em que o ditado desperta o interesse, é como “um encontro direto com a língua”, a língua como ela soa, se escreve, se constrói. Outro, em que o ditado é como um jogo, quando o texto é retirado de seu uso habitual e posto ao ato da escrita, à prática de estudo, ao exercício da língua. Pennac evoca o mistério com que cada ditado inicia, quando não se sabe o que será lido. Masschelein e Simons complementam ao dizer que assim como qualquer outros métodos de ensino, “o ditado torna explícito o lugar do professor como mediador que conecta o aluno ao mundo. Esse encontro permite ao aluno deixar seu imediato mundo da vida e entrar no mundo do tempo livre”. (p.57).

5) *Igualdade*

Que diz respeito a uma questão de igualdade como princípio, de colocar todos numa posição igual, de ser capaz de começar. Não se trata portanto, de negar questões individuais dos alunos, diferenças intrínsecas ao próprio processo de ensino. Mas tomar a igualdade como algo prático, inerente ao trabalho do professor e da escola. Nesse sentido, o papel do professor é evidenciado com destaque, pois é ele quem verifica as condições para que se realize essa igualdade. Ele é quem está ali para todos os alunos e não para um em especial; quem separa as coisas de seu uso “normal” e as apresenta aos estudantes; quem desafia os estudantes a explorar uma matéria, chamando atenção para as coisas, despertando o interesse, a possibilidade de falar de uma outra maneira. É o professor quem crê, antes mesmo da escola, que todo aluno pode se interessar por algo e que as formas de diferenciação se dão a partir dessa premissa, e não o contrário.

Ao perceber que o interesse do aluno não é inato, que inteligência ou talento não determinam o ponto de partida de cada sujeito, os autores argumentam que a escola iria contra as “leis da gravidade”. “Não porque a escola, em sua ingenuidade, negue a existência da gravidade, mas porque a escola é um tipo de vácuo no qual é dado tempo aos jovens e aos alunos para praticarem e se desenvolverem”. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.73)

6) *Amor*

Vimos até aqui, que a forma escolar é elaborada a partir de certas dimensões que possibilitam abrir e compartilhar o mundo. Há um tempo escolar, cujo início é marcado por meio do toque da campainha, e do ato de fechar a porta da sala de aula. Também há a disciplina escolar, com o livro, o quadro-negro, o giz. Nesse contexto, há também um papel reservado para a figura do professor, o professor *amateur*.⁵ Não quer dizer que o professor não seja um profissional, mas um profissional que agrega ao seu papel uma noção de amor pelo assunto. É capaz de dar voz à matéria e ao objeto de estudo, com seus pequenos gestos do cotidiano, suas maneiras de falar, de escutar, de permitir que os estudantes percam a noção do tempo quando “consegue tirá-los do tempo comum e trazê-los a um ponto no presente onde sua atenção é exigida – uma *presença no presente*, pode-se dizer.” (p. 77). Esse tema é um dos aspectos importantes e, ao mesmo tempo, mais difíceis em sala de aula, o lugar temporal no qual queremos que um aluno se situe, arrebatado pelos exercícios e pelos materiais (a tecnologia escolar) e também por uma certa disciplina. Tal processo depende fundamentalmente do professor, com sua experiência, seu conhecimento, sua própria presença. Essa dimensão enunciada pelos autores não se confunde com as representações de abnegação e de “missão” que acompanham a profissão docente, marcando-a como algo de pouco prestígio. Não se trata de um professor que, por amor à profissão e aos alunos, aceita condições de trabalho com baixa remuneração e sobrecarga laboral. Trata-se de um sentido de amor como ato de dar a conhecer, de abrir aos outros um tipo de saber, de envolver amorosamente a aprendizagem que se torna possível na escola.

7) *Preparação*

A escola apresentada aqui é um lugar de preparação. Não uma preparação que visa o mercado de trabalho ou a entrada na universidade, aspecto bastante explorado em estudos e pesquisas do campo da educação. No viés aqui proposto, vemos a escola como um lugar de preparação em si. Esse lugar de estar bem preparado, que gira em torno da matéria que envolve o estudo e a prática. Pode-se dizer que esse é

5 Amador, que se envolve em uma atividade geralmente sem remuneração, cuja motivação surge essencialmente da paixão. Disponível no site: <www.educalingo.com/>.

um tipo de aprendizagem sem uma finalidade prática. “Estar preparado deve, então, ser distinguido de ser competente e das reivindicações de empregabilidade que estão associadas a ele.” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.93).

8) Responsabilidade pedagógica

Nessa questão, temos implicada uma ideia de formação em educação, que, para os autores, difere de uma ideia de socialização ou de desenvolvimento de talentos. Trata-se de abrir o mundo e trazê-lo por palavras, coisas, práticas que o compõe para a vida. O ambiente escolar seria esse tempo e espaço liberados para o próprio encontro com o mundo. Que não é o encontro individual, pois não principia do interesse ou do mundo particular de cada um. É pois, uma dimensão democrática e política que apresenta um mundo compartilhado. A responsabilidade pedagógica, relacionada à forma escolar, evidencia-se por um lado na suspensão da função imediata das coisas na formação do aluno e, por outro, na possibilidade de despertar interesse para as palavras, para as coisas e para as maneiras de fazer que impulsionam o mundo comum.

Os elementos trazidos aqui, demarcam a ideia de escola como tempo livre, que não precisa ser produtivo. Tempo que permite ao estudante desenvolver-se sem obrigações determinadas para trabalho, família, sociedade, e reafirmam a relevância de pensar a escola na sua forma e não tanto na sua função.

Professor Jorge Larrosa: exercícios de uma memória escolar

No projeto de estudos coordenado pelo professor Jorge Larrosa, Karen Christine Rechia e Caroline Jaques Cubas, intitulado “Elogio da Escola”⁶, após estudar a obra de Masschelein e Simons (2013), foi lançado um livro homônimo *Elogio da Escola*⁷ (2017), organizado por Jorge Larrosa. *Elogio da escola* trata de um pensar sobre a escola no sentido de fazê-la existir, de trazer “algo ao mundo”. Esse “algo ao mundo” gira em torno da proposição de Larrosa do que compõe uma escola, do ordinário da escola, daquilo que se repete.

Elogio. Do latim *elogium* e do grego *elegeíon*. Com raiz indo-europeia *leg*, remete a uma inscrição, normalmente um dístico, feita sobre uma tumba ou sobre uma imagem com a intenção de louvar ou elogiar o defunto ou o personagem. Daí seu parentesco semântico com “epitáfio” (formada pelo prefixo *epí*, “sobre”, e o substantivo *táphos*, “tumba”) e etimológico com “elegia” (composição poética, normalmente escrita em dísticos, para lamentar a perda de algo ou de alguém).

⁶ *Escola.* Do grego *skholé*, literalmente “tempo livre”, traduzido para o latim
6 Uma iniciativa interinstitucional (UB/UEDESC/UFSC) que desde 2016, busca convocar educadores, estudantes, artistas e interessados a constituir um grupo de pensamento e experimentação sobre essa conformação de tempo, espaço, sujeitos e materialidades a qual chamamos escola. Disponível no site: < <https://www.elogiodaescola.com>>.

7 O conjunto de textos e o DVD que compõe essa obra, foram produzidos a partir de atividades do grupo, no ano de 2016, em Florianópolis, Santa Catarina.

como *otium*, “ócio”. O termo latino *schola* designa o lugar ou o estabelecimento público destinado ao ensino. Poderíamos dizer que a palavra *escola* remete, fundamentalmente, ao tempo (livre) e ao espaço (público) dedicado ao estudo. (LARROSA, 2017, p.10,11)

É significativo que o contexto de elogio apresentado seja outro que não o de celebração, louvação, idealização, enaltecimento. No sentido grego trazido, o propósito está em mostrar o que é o escolar, como uma forma de lamento pela perda do que ela significa. Argumenta-se, na obra, que a escola se mantém viva todas as vezes em que é apresentada. Neste estudo, se parte do significado etimológico de “escola” como *skholé*, como tempo livre, como separação de um espaço-tempo para a aprendizagem e o estudo. A escola como um espaço separado, um abrigo ou refúgio, que emancipa as crianças da tutela da família e as libera do trabalho para que possam se dedicar a outras coisas. Em nossos tempos, é recorrente escutar dizer que a escola deve se tornar ambiente de aprendizagem, o qual se dá em variados lugares e diferentes momentos. Que se deve “aprender a aprender”, algo como um aprendizado que não termina na vida, no mundo, na rede digital. Como sugere Larrosa, na obra *Esperando não se sabe o quê – sobre o ofício do professor* (2018), a escola seria um lugar protegido ou de refúgio, que está sendo arrasada “pelo incontrollável tsunami do programa educativo da chamada sociedade do conhecimento, sociedade da informação e sociedade da aprendizagem, essa que alguns preferem chamar de capitalismo cognitivo”. (p.12,13).

No texto, investe-se também no sentido de escola que proporciona certo “conforto”, certa sensação de nos “sentirmos em casa”, como se a ela pertencêssemos e nela encontrássemos um ambiente acolhedor, onde relaxamos e tomamos um café. Parece mesmo que certos lugares passaram a ser parecidos uns com os outros, unificaram espaços, os tornaram semelhantes e interativos, como ocorre em *shoppings centers*, *home offices*. Porém, as ideias que orbitam em torno do autor, propõe que a escola seja um espaço diferente de outros e instiga a pensar onde estaria essa diferença.

Para Larrosa, no vídeo *Jorge Larrosa Bondía – A forma da escola* (2014), o escolar constitui um espaço separado. Não se trata de um quarto de nossas casas, nossas mães não entram na sala de aula a qualquer hora. A escola também não é um ambiente de trabalho, mesmo que se tenha a tendência de investir na questão da produtividade, do desempenho. O autor questiona, já que aqui pensamos a escola como um espaço diferente de outros: onde estaria essa marca de diferença? É então que aborda, entre um dos exemplos, a forma do portão escolar, sugerindo que, quando atravessamos esse “portal”, nos dispomos a um “outro tempo e lugar”. Lembra-nos que ao atravessarmos o portão, certas vezes é possível nos vermos diante de uma rampa ou corredor. Sendo que a rampa é construída numa perspectiva ascendente,

tem de se subir. Ali, corpos escolares se movimentam, crianças expressam seus modos de ser, espaços se cruzam, trajetos se conectam, há uma coreografia corporal.

Uma atividade proposta por Larrosa, citada na obra *Esperando não se sabe o quê* (2018), (p.26), é o convite para que, após densas leituras em torno da forma escolar, estudantes comentem palavras relacionadas com a escola, o mais concretas possível. Entre a vasta lista de vocábulos sugeridos pelos alunos, está “caderno”. Após uma descrição de “caderno”, referente a certas tarefas clássicas, como numerar suas folhas, passar a limpo, inserir notas em exercícios, é apontado em sua contemporaneidade, bem como questões relevantes de como se constitui e se atualiza a forma pedagógica escolar na atualidade, também quais tensões se estabelecem quando essa forma pedagógica é confrontada com as urgências do tempo presente.

A incorporação e massificação de telefones celulares com câmeras fez com que já não seja necessário o clássico “pedir um caderno emprestado” quando se faltasse às aulas ou quando alguém estava atrasado em copiar, já que agora isso pode ser substituído por tirar fotos da lousa e enviá-las via WhatsApp. Também está sendo incorporado e deixando em desuso o caderno de notas, aquele de onde as coisas não caem, mas são sustentadas. (LARROSA, 2018, p.31)

Na obra *P de Professor* (2018), relacionado ao ofício e às maneiras de ser professor, Jorge Larrosa e Karen Rechia ao destacar a palavra “matéria”, afirmam que a escola torna-se “uma matéria de estudo”: algo que está acompanhado de uma explicação, “que faz com que as coisas falem”; encontros frontais com a língua, em que um objeto passa a ser acompanhado de um texto. Os autores referem-se à escola como um lugar de procedimentos. “Uma matéria é uma matéria de estudo e de exercício. Quer dizer, uma materialidade sobre a qual ou em relação à qual se fazem os exercícios.” (p.297). Miram para a escola como lugar de estudo, de matérias a serem estudadas e não rodas de conversas. Mas sim de leituras atentas, densas, mais de uma vez ou quantas vezes for necessária para a compreensão do que se leu.

A intenção da presente escrita, no curto percurso de sua extensão, é instigar a potência da escola mediante o prisma da sua forma escolar. Pretendi ancorar meu olhar em fragmentos de obras de autores que têm se dedicado a olhar a escola, mais que falar sobre ela, partindo do princípio de que na escola não apenas se fala, mas também se estuda. Aqui, a convocatória é desalinhar as lentes, inverter o ângulo pelo qual frequentemente mira-se para a escola, elencar elementos que propiciam estudá-la, juntamente com exercícios de pensamento de uma memória escolar.

REFERÊNCIAS

JORGE LARROSA BONDÍA – A FORMA DA ESCOLA. CINEAD/LECAV. Laboratório de Educação, cinema e audiovisual. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. 53 min. Disponível em <www.cinead.org/videos>. Acesso em abril de 2019.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** Traduzido por Cristina Antunes. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, Jorge. RECHIA, Karen. **P de professor.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola.** Organizado por Jorge Larrosa; Traduzido por Fernando Coelho. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública.** Traduzido por Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Educação: experiência e sentido).

PENNAC, Daniel. **Diário de escola.** Traduzido por Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

